



Idéias para adiar o fim do mundo

Krenac, Ailton (2019). *Idéias para adiar o fim do mundo*.
São Paulo: Companhia das Letras, 64 p.

Ailton Krenac, um dos mais importantes líderes indígenas e ambientalistas brasileiros, relata e explica a escolha aleatória do título de sua palestra –*Idéias para Adiar o fim do Mundo*– que virou livro– no qual sustenta a necessidade de se adiar o fim do mundo. Na obra, ele critica o multiculturalismo esfacelado ou ainda certo hibridismo cultural das contemporâneas proposições civilizatórias que insistem em anular ou impor a ação de se desvincular da terra. Entende que os povos originários vinculados a natureza e suas florestas são protegidos por elementos cósmicos ancestrais

que reforçam a preeminência da natureza.

A sustentabilidade como moderadamente se apresenta constitui um mito por se desvincular da pura interação com os tangíveis elementos originários, sejam eles árvores, rochas, nascentes e rios, dentre outros. O adiamento do fim do mundo constitui a aniquilação do mito da sustentabilidade através da fórmula simples e natural de se manter na existência e no cotidiano rios, rochas, aldeias, danças, peças e a livre liberdade de até se conversar com pedras e montanhas. Desnecessário haver o desmonte dessas estruturas originais, com a justificativa su-

periferal de se construir parques e ou condomínios na toada da narrativa globalizante, sendo que essas “inovações” engendram os interesses de corporações e mineradoras e empresas extrativistas.

Um sítio sagrado não deve em nome da sustentabilidade virar um parque ou parking, como enfatiza Krenac. O mito da sustentabilidade transforma o viver dinâmico idôneo em ajuntamentos artificiais, fomentados em ambientes alienantes por serem estes resultantes da replicação de estruturas iguais, aventadas recorrentemente em diferentes partes do mundo para que haja familiaridade de ambientes fora de casa, porém em diferentes localidades. Nessa estratégia de estar desvinculada da terra, a humanidade perde sua característica organizada, híbrida repleta de subjetividades, com suas diversidades criativas, confinando-se por fim na artificialidade.

Há núcleos existenciais que se mantém entrelaçados à terra porque dela dependem e estão em suas tradições vinculados ao território, ao cosmos, às vibrações e energias quânticas. Tal “sub humanidade” constituída por caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes, ciganos se mantém na centralidade da humanidade

original, resistindo às formas de destruição da terra e dos seres que nela habitam. A abstração civilizatória suprime e nega a pluralidade das formas de vida de existência e hábitos. O império replicador da mesmice, do mimético vem oferecendo a reprodução do mesmo, em cardápios, figurinos e se possível –idealizam, da mesma língua para todos.

Ao mencionar a ecologia dos saberes, do sociólogo português Boaventura Souza Santos, Krenac reforça significativamente a defesa desta ecologia como integrante de nossa experiência cotidiana plural, evitando-se a homogeneidade. No sentido crítico talvez pudéssemos estabelecer certa conexão com a narrativa do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, quando afirma “vivemos em tempos líquidos quando nada é para durar”, e nesses tempos corremos atrás, não se sabe do quê. Presume-se que tamanha aniquilação da análise crítica e consciente é resultante da criação do mercado de consumidores, cujos interesses monitoradamente condicionados favorecem o descrédito de uma cosmovisão que esteja atrelada ao existir não global original. Aceitar tal cosmovisão, implicaria na experiência de se viver numa terra cheia de sentido e com sentido

do viver, exigente de pensares e saberes plurais.

Marcadas ausências do sentido de se viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida, acarretam, ao se criar artificialmente um mundo global, um tipo de humanidade zumbi alienada da essência e do prazer de viver e coexistir com a natureza, totalmente contrária ao que povos nativos compartilhavam e apregoam de um viver vinculado ao espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta.

As palavras do xamã Yanomami Davi Kopenawa, reproduzidas pelo antropólogo Bruce Albert, ao publicar *A Queda do Céu*, evidenciam povos que valorizam seus territórios e o etnodesenvolvimento, povos que sofrem ameaças externas pelos interesses de mineradoras e garimpeiros na exploração e assolação dos territórios e seus subsolos. A estratégia de resistência dos povos originários frente à ameaçadora invasão de colonizadores tem sido o aumento da intolerância.

O livro de Krenac assume elevada importância na política internacional contemporânea, onde governos de ultradireita negam a urgência de se preservar e defender o meio ambiente e o aquecimento global. No Bra-

sil, o governo de Jair Bolsonaro (2019-) propõe e adota políticas similares àquelas da ditadura militar (1964-1985), visando assimilar os povos indígenas, reduzir suas terras originárias e explorar compulsoriamente seus recursos naturais. Tais políticas violam compromissos e normas internacionais e a própria Constituição Brasileira, que garantem os direitos indígenas.

A proposta central da obra de Krenac consiste na própria provocação do título, no exercício de se adiar o fim do mundo apregoado pelas corporações via sustentabilidade e, contrariamente a esse fim, conclama-se a experimentar o prazer de estar vivo e viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, em múltiplos relatos e histórias. Viver em fricção, não em atrito; viver o fato, não a metáfora; viver e contar uns com os outros no mais puro Ubuntu (Termo originário do grupo lingüístico Bantu-Zulu Africano que significa “Humanidade para os outros”).

Magaly Delfina Alves de Morais

